

Introdução a VOUGA, Vera – *António Nobre: cem anos de gratidão*. Porto: Faculdade de Letras, 2008, pp. 5-9.

Do vero verso ao rosto vero

Em circunstâncias agora idealmente inversas, a presente introdução seria dispensável ou poderia ter outra natureza. Tratando-se contudo de um volume que não obedece totalmente a um plano traçado pela autora, impõe-se que o editor o explicita e se justifique.

Há sete anos, no rescaldo das comemorações do centenário da morte do autor do *Só*, Vera Vouga reuniu um conjunto de textos que sobre o poeta fora escrevendo e propôs a uma editora a sua publicação num livro intitulado *António Nobre: Cem Anos de Gratidão*. A obra abriria com «Três Cartas a António Nobre» («Na véspera de não partir nunca», «À esquina do Planeta», e «Bohemia Nossa»), às quais se seguiriam seis artigos: «Três Cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira», «Contraponto de um nome que se torna poema (Pequena bússola para marinheiros de primeira viagem)», «As fundas pulsações», «Os versos radicais», «Respiração dos animais de grande porte» e «Elementos para uma casa absoluta». No entanto, o projecto – de que a autora me deu conhecimento, embora sem grandes detalhes – acabaria por se malograr, ficando remetido para um espaço quase límbico.

Em Agosto do ano corrente, apreensivo com o sofrimento por que Vera Vouga passava e ansioso por tentar reacender o ânimo a que nos habituara, ocorreu-me poder cumprir o seu desígnio, coligindo, em volume, numa edição modesta mas ternamente cuidada, o muito que a ilustre Professora dedicara a António Nobre. Mau grado o empenho que pus no trabalho, a autora viria a falecer sem ver o livro pronto, se bem que tivesse sido consultada sobre ele e tivesse aprovado o plano nas suas linhas gerais.

Teria sido possível retomar – com uma única modificação, resultante de uma impossibilidade que de seguida esclarecerei – o esboço preparado em 2001. Entendi, porém, que as circunstâncias legitimavam algumas outras adaptações.

Em vista disso, foram mantidos e dispostos na ordem estabelecida pela ensaísta todos os capítulos do *dossier* original, exceptuando o último – «Elementos para uma casa absoluta» –, que, na Tábua primeva, já surgia com a informação «(está a ser escrito)». Involuntária, esta supressão apenas se deveu ao facto de o texto não ter sido encontrado, sendo até possível que Vera Vouga o não chegasse a concluir.

A segunda alteração prende-se com os dois artigos originalmente publicados em Francês – «Le contrepoint d'un nom qui s'achève en poème» e «Les intimes contraintes» –, sobre os quais a autora deixara a indicação «Para traduzir», apresentando mesmo na Tábua o respectivo título em Português. Conquanto não fosse impossível cumprir tal instrução, a verdade é que isso não só encareceria como atrasaria o volume e, conforme ficou implícito, este *António Nobre: Cem Anos de Gratidão* foi preparado com o tempo a urgir. Por outro lado – e isto foi particularmente decisivo –, estou certo de que a tradução, não podendo passar pelo fino tamis da autora, ficaria muito longe da sua vontade. Acabei, assim, por manter os artigos na língua em que foram escritos, o que é perfeitamente cabível numa edição universitária. Talvez a generalidade dos actuais estudantes sinta dificuldade com a leitura em Francês; mas ninguém poderá compreender a fundo a poesia de Nobre sem dominar a língua de Verlaine.

A terceira diferença deste livro, face ao esboço de 2001, reside no acréscimo dos dois últimos capítulos. «Com que mãos» é o prefácio à edição fac-similada de *Bohemia Nova e Os Insubmissos* que Vera Vouga publicou em 1999. Não se tratando de um texto exclusivamente consagrado à obra de António Nobre, poderia não ser incluído nesta antologia. Em todo o caso, julguei que se tratava de um estudo importante para a compreensão da figura e da obra do futuro autor de *Só* e interpretei como circunstancial a sua exclusão do plano de 2001: tendo vindo a lume

dois anos antes, a Professora terá entendido que a sua republicação não se justificaria naquela altura. Pelo que toca ao capítulo final, trata-se de uma comunicação feita em conjunto com o autor destas linhas, tendo sido apresentada em 2000, num colóquio comemorativo do centenário da morte de Nobre. Incidindo num projecto que Vera Vouga desenvolvia – a edição crítico-genética de *Primeiros Versos* –, afigurou-se-me de todo pertinente a sua publicação. Mais uma vez, creio que terá sido deliberada a sua não inserção no traçado original: em 2001, previa-se que as actas do colóquio em causa saíssem em breve, o que acabaria por não acontecer.

Feito o esclarecimento, termina aqui o papel do organizador do volume. Todavia, não posso retirar-me imediatamente de cena, como seria vontade minha, dado que – cumprindo (aliás com a máxima alegria) um desejo da autora – ainda me cabe acrescentar algumas palavras.

A primeira observação diz respeito à novidade que o volume representa, apesar de nenhum dos textos ser completamente inédito. (Re)lendo agora cada um deles, percebemos que são partes de um todo, etapas diferentes de um longo esforço de compreensão que visa o salto – para a frente ou para cima: salto *a pés juntos no grande oceano da criação poética onde, face à falibilidade de outros sistemas, se descobre aquilo que um dia Barthes considerou a única garantia da modernidade, a moralidade da forma*; salto para cima, *que súbita e mansamente nos eleva para um lugar mais alto, de onde é possível ver melhor a terra. Esta é uma percepção segunda. Não se procura. Acontece a qualquer adulto bem adulto que releia Nobre, sem prejuízo de valor de outros juízos que possa ou não atribuir-lhe. Acontece na globalidade da obra, mais especificamente em poemas inquestionavelmente magníficos onde, no dia em que estejamos preparados para o pequeno salto, percebemos que, quer queiramos, quer não, saltamos, sem qualquer aviso, para uma imensa e indefinível cama elástica de onde o olhar sobre tudo o resto é, evidentemente, para baixo, e de onde nunca mais voltaremos a sair.*

Percurso de uma vida, este caminho, que se percebe não ter sido fácil, foi feito ao contrário, do verso para o rosto, de modo a evitar o *peso da carga supérflua*. Foi por isso que Vera Vouga pôde dizer que conseguiu *com deslumbramento inenarrável ver acontecer o poema, a luz por dentro*. E será também por isso que este *António Nobre: Cem Anos de Gratidão*, resplendorosamente distante das formas correntes de ensaísmo, se imporá como um marco na bibliografia sobre o poeta do *Só*. Não é certo porém que todos os leitores estejam preparados para uma abordagem que resulta numa espécie de revelação e que junta a um irrepreensível rigor uma intensa *chuva* de amor: da intérprete para com o texto e o autor que estuda, mas também da intérprete para com o leitor, numa espécie de urgência quase infantil em partilhar o prazer da descoberta. Este é, aliás, outro aspecto em que o livro e a sua autora se distinguem: a capacidade – alegre e discretamente didáctica – de partilha com o leitor, dando-lhe a ilusão de que também ele consegue, sozinho, passar *do carvão ao cristal, por fim à chama*, correndo o caminho que vai do verso ao rosto, um e outro Nobres, um e outro Veros.

Por tudo o que expus, não será difícil concluir que estamos perante um conjunto de estudos verdadeiramente modelares que, alicerçados numa metodologia assaz rigorosa e, ainda hoje, profundamente inovadora, nos oferecem, na sua diversidade, um retrato muitíssimo sólido da figura e da obra de António Nobre. Isso será talvez mais notório nos minuciosos trabalhos de crítica genética, «Les intimes contraintes» e «Os versos radicais»; mas pode ser também observado na finura interpretativa e na delicadeza com que Vera Vouga analisa as «Três Cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira», mostrando que a última delas «é um texto de paixão. Ingénuo e fragmentário, galga todos os diques que para si o A. traçou e nós mesmos lhe fomos traçando». De uma outra maneira, comprovam-no também as abordagens de conjunto presentes em «Le contrepoint d'un nom qui s'achève en poème» e «Respiração dos animais de grande porte» ou a indispensável explicação prévia contida nas «Três Cartas a António Nobre»: *O que venho trazer é gratidão*.

Do vero verso ao rosto vero

Não falo do agradecimento preciso, limitado, reversível na sua reciprocidade exígua de favor trocado. O sentimento de que falo é outro. Na horizontal desdobra, ilimitadamente, a entressonhada projecção do vértice. Cada parte reflecte a outra parte gémea, em cada uma ecoam as oitavas do cosmos.

Que me desculpem os leitores que já sabiam tudo de António Nobre. – sem qualquer ponta de ironia, esta podia ser a frase de abertura do livro. Mais il est des êtres d’exception qu’un simple nom, reçu lors du baptême, paraît vouer à une certaine destinée. – será esta, aplicada a Vera Vouga, a frase com que termino esta nota de apresentação.

Porto, 30 de Setembro de 2008

F. T.